

## Da Pedra ao Sal do Sal à Espuma

A Poesia de Fernando Aldeia

Cláudio Lima

Posso afirmar que conheço relativamente bem a obra literária de Fernando Aldeia, de tanto e tão empenhadamente a ter vindo a acompanhar desde as suas primícias, - o livro de poesia *Entre Afectos e Memórias*, publicado em 1998. Em 2000 prefaciei o seu 2º livro, ainda de poesia, intitulado *À Flor da Água*. E aí observo e destaco, como características constitutivas do universo poético de FA, “A terra, o mar, a memória, o amor, (como) coordenadas de uma lírica que se impõe por uma excecional capacidade de ver e admirar, se comover ou indignar com as pulsões da vida, os fenómenos da natureza, os sinais dos tempos.

Em 2011 organizou um livro de crónicas, modalidade em que se tem evidenciado na imprensa bracarense e não só, a que deu o título de *há gente neste chão* (assim, em minúsculas) e de novo me solicitou lhe antepusesse um texto introdutório, o que fiz com todo o gosto. Aí escrevi, a dado passo: "Não vou liminarmente catalogar Fernando Aldeia num universo de talentosos cronistas descartáveis, de razoáveis proventos hebdomadários e, muitos deles, de gloriolas tão efémeras como as laudas que produzem. Ele enveredou por um tipo de crónica muito *sui generis*, desalinhada de figurinos consagrados, mais fiel a impulsos de sentimento ou ditames de razão do que à ditadura da opinião pública, quase sempre acéfala, acrítica, manipulável." (pág. 11)

Em apresentações públicas ou artigos de jornal me pronunciei sobre as demais obras dadas a público por Fernando Aldeia: *Cada Espiga tem seu Grão* (contos / crónicas, 2001), *As Palavras sabem a Terra* (poesia e prosa poética, 2006) e *Sete Gritos do Mesmo Chão* (contos, 2013). A ele devo um extenso ensaio de 26 páginas intitulado *Cláudio Lima - o Poeta e a sua Obra*, publicado na coletânea *Vozes Confluentes* (Braga, 2013).

Cabe-me agora apresentar a sua mais recente criação poética *Da Pedra ao Sal do Sal à Espuma* (2015). Poesia e Prosa Poética, assim o autor a classifica, desde logo estabelecendo linhas de diferenciação entre uma e outra, como, aliás, já tinha sucedido com *As Palavras sabem a Terra*. Não é local nem circunstância para aprofundar tais conceitos, as suas relações de convergência e / ou divergência. Alguns teóricos o têm feito, sem todavia estabelecerem nítidas fronteiras entre uma e outra. Consultando a Wikipédia, apuramos que a prosa poética é prosa que quebra algumas regras normais da escrita para obter efeitos especiais - "uma transição emocionalmente tensa". Teve origem nos poetas franceses da segunda metade do séc. XIX (Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé) e depressa foi praticada pela generalidade das literaturas ocidentais.

À poesia propriamente dita, constituindo o primeiro caderno do livro, designou-a FA como *Versos, Minhas Pedras de Orvalho*. São poemas de recorte clássico, verso quase sempre contido, através do qual o Poeta, na linha do que define a sua lírica anterior, retoma os inesgotáveis filões do seu mundo, interior e exterior, num *continuum* em vivência sentimental e aprofundamento reflexivo. Apaixonadamente seduzido pelos fenómenos da natureza, que o marcaram e marcam desde a remota infância na então pacata e rural vila de Vinhais, poderemos afirmar que, quais filósofos pré-socráticos na identificação do elemento primordial - o arquétipo

- na composição do cosmos, também lhe são elementos axiais fundadores de escrita, poética ou não, a água, a terra, o fogo e o ar. Toda a sua obra é absorvida e condicionada, explícita ou implicitamente, pela influência destes elementos ou pela hipotética energia congregadora comum a todas elas, aquilo que Anaximandro no século VI aC designou por *apeiron*. Terra, sol, rio, pedra, mar, espuma são algumas palavras de afluência constante no léxico poético de FA.

Não é necessário consultar as obras anteriores para fundamentar esta asserção; aqui mesmo ela se revela inequivocamente, surgindo a par e passo na construção de cada poema. Respiro algumas expressões demonstrativas: "uma pedra onde lateja o poema" (pág. 25), "espelho d'água nascente" (pág. 26), "a fogueira desta alegria" (pág. 27), "primordiais alegorias" (pág. 30), "a terra que respira" (pág. 31), "mar é carícia salgada" (33), "o fogo ondulado da maré cheia" (34), "o rouco murmúrio da água" (37), "o meu rio menino, solar" (39), "na fonte madre me sento" (44), "uma chuva quente e doce" (47), etc.

(Leitura dos poemas das págs 48 e 55 pelo autor)

/

Falemos agora um pouco sobre o 2º caderno, com o título sugestivo, algo panteísta, *Como se as Pedras Cantassem*. Trata-se, como atrás esclareço, de "prosa poética", modalidade bem apreciada pelo Autor, que a vem cultivando com alguma regularidade e evidente entusiasmo. João Lobo, o distinto advogado, escritor e deputado vilaverdense, no extenso e denso prefácio com que enriquece a obra, observa que "É (ainda) a Natureza a grande inspiradora destas crónicas, subordinadas à demiúrgica portada «Como se as Pedras Cantassem». Pelo menos dezoito textos que integram as crónicas radicam no Grande Livro onde cada um de nós, a jeito de minúsculo carácter, procura a sua razão de ser da sua pegada e o sentido das suas acções." (págs 17 / 18)

De facto, se a vocação poética está aqui latente, a férula do cronista não deixa de estar patente, sendo difícil destrinçar o que à poesia se vincula e o que ao registo factual se veicula, tal a força e a regularidade com que se constitui suporte da maioria dos textos. Atento e sensível ao mundo que o rodeia, ao que nele inspira emoção, admiração, revolta ou inconformismo; predisposto a um constante e intenso diálogo com o passado, onde encontra os mais significativos referenciais evocativos, os mais fortes vetores da sua escrita, tudo isso pulsa e se transfigura pelo efeito da palavra, da expressão jubilosa ou magoada do testemunho.

Não é por mero acaso que grande parte destas crónicas-poemas nos é oferecida na primeira pessoa. É o poeta-cronista que nelas se projeta, se assume, se expõe numa espécie de desnudamento envolto em véu de pudor. Ele não concebe uma poesia de simples e gratuito efeito literário, sem empenho e substância, mais dirigida ao prazer dos sentidos do que à pureza dos sentimentos. Assim se compreendem afirmações como esta: "O acto de criar implica renúncia, exige sofrimento, envolve angústia, mas ao mesmo tempo transmite uma sensação única de plenitude. O escritor sofre mas sente-se feliz, porque enquanto escreve não precisa de mais nada, senão fazer o que faz". (pág. 84)

Mergulha nas águas profundas de um passado, fecundo e vários, que lhe plasmou a personalidade, lhe incutiu a paixão pela beleza e a militância pela justiça. O cronista cultural António Guerreiro escreveu em 22 de abril na sua rubrica do jornal *O Público* que “as representações do passado são construções da memória, formas afectivas de apropriação.” A nossa memória é, com efeito, um filtro seletivo que inconscientemente se apropria e armazena tudo o que nos é, nos foi, particularmente importante e determinante nos vários momentos da vida. Nestas páginas podemos constatá-lo a par e passo. Mais: estou convencido que os dados da memória se constituem em FA como fundamento e motor de toda a sua poética, direi de toda a sua atividade literária. Aleatoriamente podemos respigar passagens que sustentam esta observação, como as que passo a transcrever:

“É tão bom trazer a memória de infância colada ao corpo.” (pg. 72), “É para o nordeste sempre presente que partirei como pássaro alado, à procura do odoroso mosto e dos outros cheiros que vivem dentro de mim.” (pg. 81), “Que saudades sinto do meu tempo de criança. Tinha um prazer infindo em trepar os choupos até ao último ramo e dali sentir-me o rei desafiador das alturas. Ali ficava, em silêncio, horas a fio, sentado entre dois ramos, com a folhagem agitada por uma agradável brisa, olhando o céu mais perto e vislumbrando os montes d’além.” (pg. 88), “Quem me dera ter o Pégaso junto de mim para, no seu dorso, poder voar, subir ao outeiro da memória de encontro aos cheiros da minha Vinhais natal, berço que é todo simplicidades e lhanezas, e tentar redescobrir e sentir aquele palmo de chão sagrado, o devotamento que se gruda à alma.” (pg. 107).

Poder-me-ia alongar na dissecação teórica desta mundividência, desconstruindo a estrutura que sustenta o edifício poético e narrativo de FA. É o que faz habitualmente a crítica formalista e dogmática, quase sempre em prejuízo da obra analisada, deformando-a de tanto a submeter a espartilhos ideológicos e a derivas subjetivas. Não o faço hoje aqui com a poesia de FA. A melhor, a mais pura maneira de a usufruir é lendo-a ou ouvindo-a com toda a disponibilidade interior. Ouçamo-la então.

(Leitura dos poemas das págs 72 e 87 pelo autor)

30 abril 2016